

Crónica Breve do Arquivo Nacional

(edições paleográfica, crítica e fac-similada, com anotações)

A — INTRODUÇÃO

Em longo artigo publicado há anos (1967) na *Revue des Langues Romanes* (LXXVII), de Montpellier, intitulado «Les Chroniques Portugaises des *Portugaliae Monumenta Historica*», tratámos dos problemas suscitados por essas crónicas, editadas por Herculano no volume *Scriptores*, em 1856, e prometemos republicá-las, collocando-as com os manuscritos originais ou apógrafos, segundo os casos, porquanto os copistas colaboradores do nosso historiador não tinham seguido grande rigor científico.

Remetemos, por isso, o leitor para esse trabalho, se quiser pôr-se a par das questões levantadas pelas referidas crónicas, e vamos aqui, mais uma vez, cumprir o prometido, apresentando as nossas leituras e os fac-símiles da primeira delas, incluída nos *Scriptores*, a páginas 22 e 23 (a duas colunas, que designamos por A e B), ou seja a *Crónica Breve do Arquivo Nacional*, narrativa literariamente sem interesse, de estilo rudimentar, sucinto e trivial, onde predomina a coordenação, mas de grande importância linguística, filológica e histórica, entre outros méritos.

Segundo Herculano, no preâmbulo respectivo, era a crónica portuguesa mais antiga e acha-se transcrita, desde o verso de folha VI até ao meio do verso da folha VII, depois da tábua das matérias do *IV Livro das Inquirições* de Afonso III, manuscrito que, acrescenta, «pertence evidentemente ao seculo XIV., e talvez aos fins delle» e se conserva no Arquivo da Torre do Tombo, designação tradicional do Arquivo Nacional de Lisboa (significando *Tombo* aqui *Tomo*, isto é «livro»). Consiste em oito parágrafos com iniciais coloridas e é uma breve memória, sem qualquer valor literário, que se estende até ao reinado de Dom Dinis.

A data desta crónica é evidentemente 1429, porquanto nela se lê, logo no começo, «presente Era que ora corre *donacimêto de nosso*

señor Jesu christo de m̄lequatroçentos e vijnte e noue años». Sublinhámos as palavras «do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo» a fim de evidenciar que a sua data se refere à era cristã, pois que semelhante enunciado não deixa dúvidas, mesmo quando, como é o caso aqui, as outras datas do documento se referem à era de César. De facto, a era de César não foi abolida em Portugal senão sete anos antes, com o rei D. João I, que pela lei de 15 de Agosto de 1422 manda definitivamente adoptar o ano do nascimento de Cristo como *terminus a quo*. Durante os primeiros tempos que se seguiram, são frequentes as confusões e os erros nas conversões das datas duma era na outra, às vezes até nem se faz conversão alguma.

Tais erros são aliás ainda cometidos por vezes nos nossos dias. José Joaquim Nunes, que na *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, dirigida por Albino Forjaz de Sampaio (Lisboa, 1929), vol. I, página 126, lhe assinala por inadvertência a data de 1391 (= 1429-38), com certeza induzido em erro por as restantes datas pertencerem nitidamente à era de César, tendo reconsiderado já não lhe indica esta data, mas a de 1429, no seu *Florilégio da Literatura Portuguesa Arcaica* (Lisboa, 1932), página 102.

Luís Filipe Lindley Cintra, na sua edição crítica do texto português da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Lisboa, 1951), diz, na página CCCLI do vol. I, que a memória referida fez parte, até 1945, das únicas históricas portuguesas conhecidas dos primeiros reis de Portugal anteriores às de Duarte Galvão (1438?-1517) e Rui de Pina (1440?-1522), sendo as outras a II^a, a III^a e a IV^a *Crónicas Breves de Santa Cruz* (na sua nota n.º 91, ao fundo da página, acrescenta ter suprimido, entre as histórias dos primeiros reis de Portugal, a 1.^a das *Crónicas Breves*, porque, constituída por uma série de notas isoladas, não forma uma narrativa seguida).

Na página seguinte da sua *Introdução*, Cintra acrescenta que dos textos conhecidos, mesmo após 1945, relativos aos reis de Portugal, só a *Memória* do Arquivo Nacional e a II^a *Crónica Breve de Santa Cruz* não estão em relação íntima com os capítulos da história portuguesa da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (os quais, como prova, foram traduzidos para espanhol, e não o contrário, do espanhol para o português, segundo a opinião geral até à publicação da sua obra, de importância extraordinária).

E escreve em seguida: «A *Segunda Crónica Breve* e a referida *Memória* ficam aliás à margem da evolução da historiografia deste período, dado o seu carácter muito especial. Nem uma nem outra são *Crónicas* propriamente ditas,

A *Memória* da Torre do Tombo é um sumário dos primeiros seis reis, redigido [...] a fim de tirar dúvidas que frequentemente surgiam acerca da validade de certas «cartas de doações e outras escripturas». Preocupava-se principalmente o autor em fazer «mençõ quando cada huum Rey começou de rregnar, e quando se finou e onde jaz sepultado». A consulta desta espécie de tábua cronológica permitiria verificar se a data do documento correspondia ou não aos anos do reinado de determinado rei. [Assinalemos que a *Crónica do Arquivo Nacional* está longe, de resto, de atingir o objectivo que se propunha, como já notara Herculano na sua nota liminar].

A fonte principal em que se baseia parece já ser a *Crónica de 1419* (nome por que geralmente designarei o texto descoberto por Magalhães Basto e Silva Tarouca). Nem tudo o que se encontra na *Memória* provém no entanto dela. O seu autor regista datas que nenhuma crónica das que mencionei consigna. Parece ter corrigido outras. É provável que se baseie para isso em Anais. Há, além disso, pormenores que parecem indicar a utilização de algum texto que não era a *Crónica* citada, possivelmente da *Quarta Crónica Breve*. (*Ibidem*, páginas CCCLII-CCCLIII). [E na nota 100, do fundo da página CCCLIII, Cintra entra nos pormenores]:

«[...] D. Mafalda era, segundo a *Memória* da Torre, «filha do Conde dom afonso de moliana, filho d'El Rey dom afonso de castela». Nenhum outro texto regista esta filiação, resultado evidente da interpretação errónea de um texto semelhante ao da *IV^a Crónica Breve*, mas mais perfeito, que dissesse «filha do conde de Moliana», não «filha do conde de Molina». [...] Na *IV^a Crónica Breve* podia o autor da *Memória* ter encontrado também a referência a Maria Pais. Isso me faz admitir a hipótese de uma utilização deste texto. Não é no entanto possível aceitar que só ele tivesse sido utilizado, e não a *Crónica de 1419* e ele; há trechos — por exemplo o final do parágrafo consagrado a Sancho II [...] — em que há coincidência quase literal do texto da Torre com a *Crónica de 1419* e não com a *Crónica Breve*; há, além disso, várias datas que estão na *Memória* e na *Crónica de 1419*, idênticas ou com pequenas diferenças explicáveis por erros na transmissão manuscrita, e que não estão no texto de Santa Cruz (por exemplo, as do nascimento e morte de Afonso Henriques [...]). Quanto a datas, há porém várias que só na *Memória* se encontram: por ex., a do nascimento de Sancho I [...] ou o dia exacto da morte de Afonso III [...].»



O manuscrito da *Crónica Breve do Arquivo Nacional*, de que nos ocupamos, apresenta muitas divergências do texto que se lê nos *Scriptores*. Este último foi reproduzido em parte nos *Textos Arcaicos* ⁽¹⁾, de J. L. de Vasconcelos (4.^a edição, Lisboa, 1959, páginas 67 e 68), na *Crestomatia Arcaica*, de J. Joaquim Nunes (4.^a edição, Lisboa, 1953, páginas 37 a 40), nos *Textos Portugueses Medievais*, de Corrêa de Oliveira e Saavedra Machado (Coimbra, 1964, páginas 458 e 459), na *Anthologie der geistigen Kultur auf der Pyrenäen-Hälbinsel (Mittelalter)*, de Wilhelm Giese (Hamburgo, 1927, página 179), que segue os *Scriptores*, e em *An Anthology of Old Portuguese*, de Kimbeley S. Roberts (Lisboa, s. d. [1956], páginas 95-96). Foi republicado na íntegra por J. Joaquim Nunes, no seu *Florilégio* ⁽²⁾ (páginas 99 a 102), José Pereira Tavares, na sua *Selecta de Textos Arcaicos* (Lisboa, sem data, mas depois de 1950, páginas 187 a 190), reeditada com o título de *Antologia de Textos Medievais*, em 1957, na *Colecção de Clássicos Sá da Costa*, e Alfredo Pimenta, que, nas suas *Fontes Medievais da História de Portugal* (Lisboa, 1948, páginas 48 a 54) deu dele nova edição melhorada.

Neste último autor pode ler-se: «é evidente que foi aí [no sítio indicado no princípio] escrita posteriormente à confecção do códice, pois que não há no índice que precede o conteúdo qualquer alusão a ela. [...] Está tão cheia de erros essa edição [a dos *Scriptores*] que não nos seria perdoado termo-nos dispensado de apresentar uma lição correcta». (*Ibidem*, página 48). Pimenta aponta 38 erros de leitura no texto publicado nos *Scriptores*, seis dos quais não corrigiu inteiramente na sua lição.

Como para o presente trabalho interessa investigar se os originais ou, na falta deles, as mais antigas cópias, foram transcritos fielmente, lemos atentamente o manuscrito do Arquivo Nacional e encontramos 175 erros de leitura (muitos dos quais repetidos, é preciso dizê-lo) nos *Scriptores*, ou seja mais do quádruplo dos achados por Pimenta. A necessidade de nova edição da *Crónica Breve do Arquivo*

⁽¹⁾ Donde o copiou Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, Heidelberg, 1933, págs. 302-303.

⁽²⁾ Na sua utilíssima *Bibliografia dos textos medievais portugueses publicados* (in *Boletim de Filologia*, Lisboa, 1951, tomo XII, págs. 6 a 100), Maria Adelaide Vale Cintra (*Ibidem*, pág. 85) enganou-se e indica o *Florilégio* como dando somente excertos da *Crónica do Arquivo Nacional*. Este erro mantém-se na reedição de 1960 (pág. 43), cujo título já não tem a palavra *publicados*.

Nacional, segundo a designação de Alexandre Herculano, está assim largamente justificada.

Reproduzimos mais adiante a nossa leitura acompanhada de notas relativas ao manuscrito e as variantes que se encontram nos *PMH* e em Pimenta (*Fontes*), as quais se revelam inaceitáveis depois do exame aprofundado do manuscrito.

B — TEXTOS DAS CRÓNICAS

Crónica breve do Arquivo Nacional

a) Edição paleográfica

Observação: Os números e as letras entre colchetes indicam as páginas e as colunas. Os das notas, entre parênteses, assinalam também as linhas, sempre de cima para baixo; quando uma palavra passa duma linha para a seguinte, só se dá o número da primeira.

[22,A] Esta he arrenenbrança dos Reys que fforom destes Regnos de Portugal e do algarue des O¹ começo do Conde Dom anrriqui ataa esta² presente Era que ora corre donacimêto de nosso señor Jesu chisto de myl³ e quatroçentos⁴ e vijnte⁵ e noue años. A qual rrenenbrança serve a proll por que muytas uezes mostram perante ElRey nosso señor e perante os seus Jujzes⁶ algũas⁷ doaçoões⁸ E⁹ outras escripturas que fazem. emperJuizo¹⁰ dos drejtos¹¹ e coussas da Coroa¹² dos Regnos. fazendo taaes cartas de doaçoões¹³ E¹⁴ escripturas

¹ o (22, A, 18).

² Falta esta palavra nos *Script.* (22, A, 19).

³ mil (22, A, 20).

⁴ quatrocentos (22, A, 20).

⁵ uynte (22, A, 21). Pimenta leu *uijnte* (cf. *Fontes*, p. 48, l. 6).

⁶ iuizes (22, A, 23).

⁷ algumas (22, A, 23). V. a nota 74.

⁸ doaçoões (22, A, 23).

⁹ e (22, A, 23).

¹⁰ periuizo (22, A, 24).

¹¹ direitos (22, A, 24).

¹² coroa (22, A, 25).

¹³ O facto de que, mais acima, esta mesma palavra tem o til no primeiro o mostra a sua oscilação.

¹⁴ e (22, A, 26).

mençõ¹⁵ que foram outorgadas per hũũ¹⁶ Rey Oquall segũdo adada dessa escriptura. Ja Era¹⁷ finado E pera tirar estas duuidas aproueitam muyto esta Por que¹⁸ em ellas faz mençõ¹⁹ quando cada hũũ²⁰ Rey começou de rregnar e quando sse finou e onde Jaz sepultado Eestas eras foram escriptas çertamente.²¹ sabendose primeiro auerdade doque em elas he contheudo: As quaees aqui som escriptas na maneira quesse segue Eper ellas logo se pode ssaber aescriptura que nom for uerdadeira

O conde dom Anrriqui que foy cassado com a Rainha²² dona TareiJa afomso filha dEIRey dom affomso de castella Este conde dom anrriqui²³ se finou em estorga do Regno de liom EJaz sepultado na see da igreia debragaa Efinouse²⁴ no dïcto²⁵ logar destorga na Era demj l e Çento²⁶ e Çincoenta²⁷. años

ElRey dom afonso anrriquiz foy filho do sobre dïcto²⁸ Conde dom anrriqui. E²⁹ da Raynha dona TareiJa Este Rey foy cassado com aRaynha dona mafalda filha do Conde dom afomso de moliana filho delRey dom afonso³⁰ de castela³¹ Eouue della estes filhos OJfante³²

¹⁵ mençom (22, A, 26).

¹⁶ hum (22, A, 26). Esta leitura, com desenvolvimento do til no fim da palavra, não tem justificação, porque *ũu*, dissilábico, emprega-se pelo menos até ao século XV (J. J. Nunes, *Gr. Hist.*, p. 216) e *um* (= *ũ*) não é anterior ao mesmo século (J. Leite de Vasconcelos, *Lições*, p. 60).

¹⁷ era (22, A, 27).

¹⁸ porque (22, A, 29).

¹⁹ mençom (22, A, 29). *Observação*: Na continuação abstemo-nos de anotar o desenvolvimento das nasais, que se faz sistematicamente nos *Scriptores*.

²⁰ hum (22, A, 29). V. a nota 16.

²¹ certamente (22, A, 31).

²² Raynha (22, A, 36).

²³ anrriqui (22, A, 38).

²⁴ finou-se (22, A, 40).

²⁵ dicto (22, A, 40).

²⁶ cento (22, A, 40).

²⁷ cincoenta (22, A, 41).

²⁸ sobredito (22, A, 42).

²⁹ e (22, A, 43).

³⁰ afomso (22, A, 45).

³¹ castella (22, A, 45). A nota 1 dos *Scriptores*, referente às palavras sublinhadas aqui e ali, está correcta. Na margem, com efeito, lê-se em letra moderna: «Amadeu ou Amadeu de moriena»; é o que o copista devia ter posto em vez das palavras sublinhadas e riscadas no texto.

³² ifante (22, A, 46).

dom sancho EaJfante ³³: dona Orraca que foy casada cō ElRey dom fernando de castela ³⁴ EaJfante ³⁵ dona TareiJa *que* foy casada cō O ³⁶ conde philipe ³⁷ de frandes/ Este Rey naço ³⁸ na Era demijle Cento ³⁹ e trijnta ⁴⁰ e dous años Efinouse em a Çidade ⁴¹ de CoJnbra ⁴² seis dias de dezenbro Era de mjl ⁴³ e dozentos e vijnte ⁴⁴ e dous años E asy foy sua vida noueenta e hūū ⁴⁵ años EJaz sepultado no seu moesteiro de sancta cruz: da dicta Çidade ⁴⁶ de coJnbra ⁴⁷ *que* ell ⁴⁸ fundou e acabou aasua custa./

Vij

ElRey dom sancho filho do sobre dicto ⁴⁹ Rey dom afonso anriquiz Este foy casado cō aRaynha dona doce ⁵⁰ filha dEl [22, B] Rey daragom Eouue della O ⁵¹ Jnfante ⁵² dō Sancho E ⁵³ o Jfante ⁵⁴ dom. pedro. E ⁵⁵ oJfante dom fernando *que* foy Cōde ⁵⁷ defran-

³³ ifante (22, A, 46).

³⁴ castella (22, A, 48).

³⁵ ifante (22, A, 48).

³⁶ o (22, A, 48).

³⁷ Entre *conde* e *de* encontra-se intercalada uma abreviatura muito apagada, cuja leitura falta nos *Scriptores* (22, A, 49); julgamos ler *p*, *h* cortado, *e*, que interpretamos como *Philipe*, o que historicamente é exacto, visto que a infanta D. Teresa, filha de Afonso Henriques, era casada com Filipe I da Flandres; a letra da abreviatura parece mais moderna, o que nos leva a crer também a ortografia da palavra com *ph*, pouco usada na Idade Média (cf. J. J. N., *Gram. Hist.*, p. 201).

³⁸ naceo (22, A, 48).

³⁹ cento (22, A, 49).

⁴⁰ trynta (22, A, 50).

⁴¹ Cidade (22, A, 50).

⁴² Coimbra (22, A, 50).

⁴³ mil (22, A, 51).

⁴⁴ vynte (22, A, 51). Pimenta: *uijnte* (*Ibidem*, p. 50, 1.5).

⁴⁵ huum (22, A, 52). V. a nota 16.

⁴⁶ Cidade (22, A, 54).

⁴⁷ coimbra (22, A, 54).

⁴⁸ elle (22, A, 54).

⁴⁹ sobredicto (22, A, 56).

⁵⁰ Deve ter-se feito uma correcção, porque o pergaminho se acha raspado neste sítio.

⁵¹ o (22, B, 15).

⁵² infante (22, B, 15).

⁵³ e (22, B, 15).

⁵⁴ ifante (22, B, 15).

⁵⁵ e (22, B, 16).

⁵⁶ ifante (22, B, 16).

⁵⁷ conde (22, B, 16).

des E ⁵⁸ o Ifante ⁵⁹ dom Anrriqui E ⁶⁰ a Ifante ⁶¹ dona mafalda. *que* foy casada cõ ElRey dom anrriqui de castella E ⁶² a Ifante ⁶³ dona sancha *que* foy guernador do moesteiro de loruãõ ⁶⁴ E ⁶⁵ a Ifante ⁶⁶ dona branca *que* morreo naauga dalfajar E ⁶⁷ Jaz soterrada no dicto moesteiro desancta cruz de CoJnbra ⁶⁸ E ⁶⁹ a Ifante ⁷⁰ dona Tareija *que* foy casada cõ ElRey dom afomso de lion. *que* era sobrinho desse Rey dom sancho filho de sua Jrmãã ⁷¹ E ⁷² finouse esta Raynha dona doce ⁷³ Eentom filhou ElRey hũa ⁷⁴ dona dequese nõ pode saber onome E ⁷⁵ ouue della dom Martim sanchez E ⁷⁶ dona Orraca sanchez E ⁷⁷ finouse esta dona Efilhou dona Maria paãez ⁷⁸ [*sic*] rribeira aque elle deu Villa de Conde E ⁷⁹ ouue della dona Tareija ⁸⁰ sanchez E ⁸¹ dom

⁵⁸ e (22, B, 17).

⁵⁹ ifante (22, B, 17).

⁶⁰ e (22, B, 17).

⁶¹ ifante (22, B, 17).

⁶² e (22, B, 18).

⁶³ ifante (22, B, 18).

⁶⁴ loruãõ (22, B, 19).

⁶⁵ e (22, B, 19).

⁶⁶ ifante (22, B, 20).

⁶⁷ e (22, B, 20).

⁶⁸ Coimbra (22, B, 21).

⁶⁹ e (22, B, 21).

⁷⁰ ifante (22, B, 22).

⁷¹ irmãa (22, B, 24).

⁷² e (22, B, 24).

⁷³ doce (22, B, 24). V. a nota 50. Em letra da época, podendo pois a correccão pertencer ao mesmo copista; por baixo parece que havia talvez *aldonça*, porque se aproveitaram as letras médias e vêem-se vestígios doutras.

⁷⁴ huma (22, B, 25). *Ũa* emprega-se ainda muito tempo na língua literária e conserva-se na língua popular (cf. J. L. Vasconcelos, *Lições*, p. 60). *Uma* só aparece depois do século XVI (cf. J. J. Nunes, *Gr. Hist.*, p. 216). Por isso não pode justificar-se o desenvolvimento do til em *m*.

⁷⁵ e (22, B, 26).

⁷⁶ e (22, B, 26).

⁷⁷ e (22, B, 27).

⁷⁸ paez (22, B, 27). Com efeito o til do manuscrito está a mais, porque não há nasais na palavra, e também não se trata duma abreviatura; na época escrevia-se já assim, o *e* e o *g* intervocálico tinham caído (< *Pelagii* + *z* analógico com o de *-ez* <*ici*; cf. J. L. V., *Liç.*, p. 175).

⁷⁹ e (22, B, 28).

⁸⁰ Tareija (22, B, 28).

⁸¹ e (22, B, 29).

gil⁸² sanchez E.⁸³ dona Costança sanchez E⁸⁴ dom Ruy sanchez Este rrey⁸⁵ nação⁸⁶ onze dias de nouenbro da Era de mjl⁸⁷ e çento⁸⁸ e nouēeta⁸⁹ e dous anos⁹⁰ E uiueo Çinquoenta⁹¹ e oito años Efinouse na era de mjl⁹² e dozentos e quareenta e noue años EJaz soterrado no moesteiro de sancta cruz de CoJnbra⁹³ Junto com seu padre EIRey dom afonso

EIRey dom afonso filho do dicto Rey dom sancho foy casado cō aRaynha ona Orraca filha dEIRey⁹⁴ dom afonso de castela⁹⁵ E⁹⁶ouue dela⁹⁷ OJfante⁹⁸ dom Sancho E⁹⁹ o Jfante¹⁰⁰ dom afonso¹⁰¹ que foy Conde de bellonha E¹⁰² o Jfante¹⁰³ dom fernando E¹⁰⁴ a Jfante¹⁰⁵ dona lianor Este Rey nação¹⁰⁶ oito dias dabrill da Era¹⁰⁷ de mjl¹⁰⁸ e dozentos e vijnte¹⁰⁹ e quatro años E finouse na Era¹¹⁰ de mil¹¹¹ e

⁸² gil (22, B, 29).

⁸³ e (22, B, 29).

⁸⁴ e (22, B, 30).

⁸⁵ Rey (22, B, 30).

⁸⁶ naceo (22, B, 30).

⁸⁷ mil (22, B, 31).

⁸⁸ cento (22, B, 31).

⁸⁹ nouenta (22, B, 31).

⁹⁰ Esta palavra encontra-se entrelinhada no original.

⁹¹ Cinquenta (22, B, 32). Pimenta: *çinquoenta* (*Ibid.*, p. 51, 1.7).

⁹² mil (22, B, 32).

⁹³ Coinbra (22, B, 34).

⁹⁴ delRey (22, B, 37).

⁹⁵ castella (22, B, 38).

⁹⁶ e (22, B, 38).

⁹⁷ Entrelinhado no original.

⁹⁸ o ifante (22, B, 38).

⁹⁹ e (22, B, 38).

¹⁰⁰ ifante (22, B, 39).

¹⁰¹ afomso (22, B, 39).

¹⁰² e (22, B, 39).

¹⁰³ ifante (22, B, 39).

¹⁰⁴ e (22, B, 40).

¹⁰⁵ ifante (22, B, 40).

¹⁰⁶ naceo (22, B, 40).

¹⁰⁷ era (22, B, 41).

¹⁰⁸ mil (22, B, 41).

¹⁰⁹ vynte (22, B, 41).

¹¹⁰ era (22, B, 42).

¹¹¹ mil (22, B, 42).

dozentos e saseenta e hũū¹¹² años Easy viueu¹¹³ trinta¹¹⁴ e sete años E¹¹⁵ Jaz soterrado ē¹¹⁶ oseu moesteiro dalcobaça

ElRey dom sancho *que* foy chamado capello filho do sobre dicto¹¹⁷ Este se cassou cõ hũã¹¹⁸ dona *aque* chamauã¹¹⁹ miçia¹²⁰ lopez per seu conselho Este rrey por algũas¹²¹ cousas *que* fez emperJuizo¹²² dos drejtos¹²³ do Regno e da Justiça Os¹²⁴ prellados sopricarõ ao papa E¹²⁵ os fidalgos E¹²⁶ conçelhos¹²⁷ E por ello hordenou o papa Arrequirimẽto¹²⁸ dos sobre dictos¹²⁹ *que* uiesse O¹³⁰ conde dom afonso debellonha seu Jrmaão¹³¹ gouernar estes Regnos deportugal e do algarue Eeste rrey dom sancho Regnou em portugal. vijnte¹³² equatro

¹¹² huum (22, B, 42).

¹¹³ uiue (22, B, 43). Reconhece-se o *o*, embora quase apagado, porque se rasou a palavra que se seguia no original. No seu *Florilégio* (p. 101), J. J. Nunes também o assinala.

¹¹⁴ Em lugar doutro cardinal, que foi raspado.

¹¹⁵ e (22, B, 43).

¹¹⁶ As palavras *ē* o estão escritas sobre uma rasura.

¹¹⁷ sobredicto (22, B, 46).

¹¹⁸ huma (22, B, 46). V. a nota 74.

¹¹⁹ chamauão (22, B, 47). Não se deve desenvolver graficamente *-ã* (<*-ant*) em *-ão*, se bem que talvez já se tivessem identificado na pronúncia ([ãw]; cf. Edwin B. Williams, *From Latin to Portuguese*, § 157,1), porque, neste caso, *-am* é a ortografia mais antiga e também a actual, regularizada por alguns gramáticos desde o século XVII (João Franco Barreto foi o primeiro, em 1671, na *Ortografia da Língua Portuguesa*) para distinguir as nasais finais (tónicas: *-ão*; átonas: *-am*) das 3.^{as} pessoas do plural (cf. E. Williams, *From Latin*, § 31). Esta crónica, como se disse, foi redigida o mais tardar em 1429, por isso não apresenta senão três casos com *-ão* (*loruãõ*, *irmaão* e *Jrmaão*: *Scrp.*, 22, B, 19, 52 e 58), todos provenientes de *-ãnu-*; nessa altura não se encontrava generalizada senão quando era etimológica, mas depois do século XV-XVI espalhou-se cada vez mais (cf. L. V., *Liç*, p. 146).

¹²⁰ micia (22, B, 47).

¹²¹ algumas (22, B, 47). V. a nota 74.

¹²² periuizo (22, B, 48).

¹²³ direitos (22, B, 48).

¹²⁴ os (22, B, 49).

¹²⁵ e (22, B, 49).

¹²⁶ e (22, B, 49).

¹²⁷ concelhos (22, B, 49).

¹²⁸ Arrequerimento (22, B, 50). Pimenta: *arrequerimento* (*Ibid.*, p. 52, 1.4).

¹²⁹ sobredictos (22, B, 51).

¹³⁰ o (22, B, 51).

¹³¹ irmãao (22, B, 52).

¹³² vynte (22, B, 54).

años E foisse *pera*¹³³ castella e allo. andou dous años Efinouse ã toledo na Era de mijl¹³⁴ e dozentos e oiteenta e cinqui¹³⁵ años E Jaz soter-rado na see de Tolledo *que* elle fez acabar aasua custa

f. VII v ElReydom afonso *que* foy Conde de bellonha Jrmaão¹³⁶ *que* foy dosobre dicto¹³⁷ Este foy cassado cõ aRaynha [23, A] dona beatriz filha dElRey¹³⁸ dom afonso decastela¹³⁹ Eouue della A¹⁴⁰ Jfante¹⁴¹ dona branca *que* foy senhora das Olguas deburgos E¹⁴² o Jfante¹⁴³ dom denjs¹⁴⁴ E¹⁴⁵ o Jfante¹⁴⁶ dom afonso E¹⁴⁷ a Jfante¹⁴⁸ dona sancha *que* morreo ã Seuilha e Jaz em alcobaça E¹⁴⁹ outros dous filhos *que* morrerom pequenos Ehũ¹⁵⁰ Jaz enalcobaça¹⁵¹ Eoutro em omoesteiro de sam viçente¹⁵² defora Eeste rrey Regnou ataa dezesete dias defeuereiro da Era demijl¹⁵³ e trezentos e dezesete años Eassy rre-gnou¹⁵⁴ trijnta¹⁵⁵ e dous años Ejaz ã oseu Moesteiro dalcobaça

ElRey dom denjs¹⁵⁶ filho dosobre dicto. foy cassado cõ A¹⁵⁷ rraynha dona Jsabel¹⁵⁸ filha dElRey¹⁵⁹ dom Pedro daragom

¹³³ para (22, B, 55). É *pera* que se lê em toda esta crónica, razão pela qual não se pode justificar o desenvolvimento da abreviatura respectiva na forma actual, que só é atestada a partir do século XVI (cf. J. Pedro Machado, *Diccionario Etimológico da Língua Portuguesa*, p. 1170, B).

¹³⁴ mil (22, B, 55).

¹³⁵ cinco (22, B, 57).

¹³⁶ irmãao (22, B, 58). Pimenta: *Irmãao* (*Ibid.*, p. 52, 1.14).

¹³⁷ sobredicto (22, B, 59).

¹³⁸ dElRei (23, A, 1).

¹³⁹ castella (23, A, 1).

¹⁴⁰ a (23, A, 2).

¹⁴¹ ifante (23, A, 2).

¹⁴² e (23, A, 3).

¹⁴³ ifante (23, A, 3).

¹⁴⁴ denis (23, A, 3).

¹⁴⁵ e (23, A, 3).

¹⁴⁶ ifante (23, A, 3).

¹⁴⁷ e (23, A, 3).

¹⁴⁸ ifante (23, A, 4).

¹⁴⁹ e (23, A, 5).

¹⁵⁰ huum (23, A, 6). V. notas 16 e 20.

¹⁵¹ en alcobaça (23, A, 6).

¹⁵² vicente (23, A, 6).

¹⁵³ mil (23, A, 8).

¹⁵⁴ regnou (23, A, 9).

¹⁵⁵ trynta (23, A, 9).

¹⁵⁶ denis (23, A, 11).

¹⁵⁷ a (23, A, 12).

¹⁵⁸ Isabel (23, A, 12).

¹⁵⁹ delRey (23, A, 12).

E ¹⁶⁰ ouue della aJfante ¹⁶¹ dona Costança *que foy casada com* [23, B] ElRey dom fernando de castela ¹⁶² E ¹⁶³ oJfante ¹⁶⁴ dom afonso *que foy cassado cō aJfante* ¹⁶⁵ dona beatriz Irmãã ¹⁶⁶ do dicto Rey dom fernando de castela Este rrey começou de Regnar na sobre dicta: Era de trezentos e dezeseite años Efinouse sete dias de Janeiro da Era demjl¹⁶⁷ etrezentos e seseenta e tres años Easy rregnou quarenta ¹⁶⁸ e seis años EJaz sepultado ē oseu moesteiro desam denjs ¹⁶⁹ dodiuellas dapres da Çidade ¹⁷⁰ de lixboa *que ell fez detodo aasua custa Erreteue perasy* E ¹⁷¹ pera todos seus sobçesores ¹⁷² Oconsentimento ¹⁷³ da Jnliçõ ¹⁷⁴ *quefezesem das abadesas quando algũa* ¹⁷⁵ ouuesē denleger ē abadesa desse Moesteiro Easy he contheudo ē seu testamēto ehorde-naçom do dicto moesteiro

-
- ¹⁶⁰ e (23, A, 13).
¹⁶¹ ifante (23, A, 12).
¹⁶² castella (23, B, 1).
¹⁶³ infante (23, B, 1).
¹⁶⁴ ifante (23, B, 1).
¹⁶⁵ ifante (23, B, 2).
¹⁶⁶ irmãa (23, B, 2).
¹⁶⁷ mil (23, B, 5).
¹⁶⁸ quarenta (23, B, 6).
¹⁶⁹ denis (23, B, 7).
¹⁷⁰ Cidade (23, B, 8).
¹⁷¹ e (23, B, 9).
¹⁷² sobcessores (23, B, 9).
¹⁷³ o (23, B, 10).
¹⁷⁴ inliçom (23, B, 10).
¹⁷⁵ alguma (23, B, 11). V. nota 74.

CRÓNICA BREVE DO ARQUIVO NACIONAL

b) *Edição crítica* (*)

f. VI v

¹⁷/ [22,A] Esta é a renenbrança dos reis que fôrom destes re¹⁸/gnos ¹ de Portugal e do Algarve, dês o começo do conde ¹⁹/Dom Anríqui até esta presente era que ora corre do naci²⁰/mento de Nosso Senhor Jesu Cristo de mil e quatrocen²¹/tos e viinte ² e nove anos. ³ A qual renembrança serve a²²/prol, porque muitas vezes mostram perante El-rei nos²³/so senhor e perante os seus juízes, algũas doações e ou²⁴/tras escrituras ⁴ que fazem em perjuízo dos dreitos e

(*) Em todas as nossas edições críticas estão indicadas as linhas correspondentes do texto nos *Scriptores*.

cou²⁵/sas da Coroa dos reinos, fazendo taes ⁵ cartas de doações²⁶/ e escrituras mençom que fôrom outorgadas per²⁷/ ũu rei, o qual, segundo a data dessa escritura, já era fina²⁸/do. E para tirar essas dúvidas aproveitam muito estas eras, ²⁹/porque em elas faz mençom quando cada ũu rei co³⁰/meçou de regnar ⁶ e quando se finou e onde jaz sepultado³¹/. E estas eras fôrom escritas ⁷ certamente, sabendo-se³²/ primeiro a verdade do que em elas é conteúdo, as³³/ quaes ⁸ aqui som escritas na maneira que se segue. E³⁴/per elas logo se pode saber a escritura que nom for ³⁵/ verdadeira.

³⁶/ O conde Dom Anríqui, que foi casado com a rainha ³⁷/ Dona Tareija Afonso, filha d⁹el-rei Dom Afonso de Caste³⁸/la, este conde Dom Anríqui se finou em Estorga do Re³⁹/ino de Leom ¹⁰, e jaz sepultado na sée ¹¹ da igreja de Brágaa ¹². ⁴⁰/E finou-se no dito ¹³ lugar d' ¹⁴ Estorga na era de mil e cento ⁴¹/ e cinquenta anos.

⁴²/ El-rei Dom Afonso Anríquis ¹⁵ foi filho do sobredito con-⁴³/ de Dom Anríqui e da rainha Dona Tareija. Este rei foi ⁴⁴/ casado com a rainha Dona Mafalda, filha do conde Dom ⁴⁵/ Afonso de Moliana ¹⁶, filho d'el rei Dom Afonso de Castela, ⁴⁶/ e houve dela estes filhos: o ifante Dom Sancho e a ifante ⁴⁷/ Dona Orraca ¹⁷, que foi casada com el-rei Dom Fernando de ⁴⁸/ Castela, e a ifante Dona Tareija, que foi casada com o ⁴⁹/ conde Filipe de Frandes. Este rei naceu na era de mil e cento ⁵⁰/ e triinta ¹⁸ e dous anos, e finou-se em a cidade de Coim⁵¹/bra, seis dias de Dezembro, era de mil e duzentos e viinte ⁵²/e dous anos. E assi foi sua vida nouecenta ¹⁹ e ũu an⁵³/os, e jaz sepultado no seu moesteiro de Santa Cruz da ⁵⁴/ dita cidade de Coimbra, que el fundou e acabou aa sua⁵⁵/custa.

VII

⁵⁶/ El-rei Dom Sancho, filho do sobredito rei Dom Afonso An⁵⁷/ríquis, este foi casado com a rainha Dona Doce, filha d'el-
[22,B]¹⁵/ rei d'Aragom, e houve dela o infante Dom Sancho e o ifante¹⁶/Dom Pedro e o ifante Dom Fernando, que foi conde de Fran¹⁷/des, e o ifante Dom Anríqui e a ifante Dona Mafalda, que ¹⁸/foi casada com el-rei Dom Anríqui de Castela, e a ifante ¹⁹/Dona Sancha, que foi governador do moesteiro de Lorzão, e ²⁰/a ifante Dona Branca, que morreu na Augadalfajar e jaz so²¹/terrada no dito moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, e a²²/ifante Dona Tareija, que foi casada com el-rei Dom Afon²³/so de Leom, que era sobrinho

desse rei Dom Sancho, filho ²⁴/ de sua irmãa ²⁰. E finou-se esta rainha D. Doce, e entom ²⁵/ filhou el-rei ãa ²¹dona, de que se nom pôde saber o no²⁶/me, e houve dela Dom Martim Sanches e Dona Orraca San²⁷/ches. E finou-se esta dona, e filhou Dona Maria Paaes Riber²⁸/ra, a que ele deu Vila de Conde, e houve dela Dona Ta²⁹/reija Sanches e Dom Gil Sanches e Dona Costança Sanches³⁰/ e Dom Rui Sanches. Este rei naceu onze dias de Novem³¹/bro da era de mil e cento e noventa e dous anos e vi³²/veu cinquenta e oito anos e finou-se na era de mil e ³³/duzentos e quareenta ²² e nove anos e jaz soterrado no³⁴/ moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, junto com seu padre ³⁵/el-rei Dom Afonso.

³⁶/El-rei Dom Afonso, filho do dito rei Dom Sancho, foi³⁷/ casado com a rainha Dona Orraca, filha d'el-rei Dom A³⁸/fonso de Castela, e houve dela o ifante Dom Sancho e o ifan³⁹/te Dom Afonso, que foi conde de Belonha, e o ifante Dom ⁴⁰/Fernando e a ifante Dona Lianor ²³. Este rei naceu oito dias ⁴¹/d'Abril da era de mil e duzentos e viinte e quatro anos, ⁴²/e finou-se na era de mil e duzentos e sasseenta ²⁴ e ãu an⁴³/os. E assim viveu trinta e sete anos, e jaz soterrado em o ⁴⁴/seu moesteiro d'Alcobaça.

⁴⁵/El-rei Dom Sancho, que foi chamado Capelo, filho do ⁴⁶/ sobredito, este se casou com ãa dona a que chama⁴⁷/vam Micia Lopes, per seu conselho. Este rei, por algũas ⁴⁸/cousas que fez em perjuízo dos dreitos do reino e da jus⁴⁹/tiça, os prelados sopricarom ao papa e os fidalgos e con⁵⁰/celhos. E por elo ordenou o papa, a requirimento dos ⁵¹/sobreditos, que viesse o conde Dom Afonso de Belonha, ⁵²/seu irmão, governar estes reinos de Portugal e do Algar⁵³/ve. E este rei Dom Sancho reinou em Portugal viinte ⁵⁴/e quatro anos, e foi-se pera Castela e aló andou dous ⁵⁵/anos. E finou-se em Toledo, na era de mil e duzentos e ⁵⁶/oiteenta ²⁵ e cínqui anos, e jaz soterrado na sée de Tole⁵⁷/do, que ele fez acabar aa sua custa.

f. VII v

⁵⁸/El-rei Dom Afonso, que foi conde de Belonha, irmão ⁵⁹/que foi do sobredito, este foi casado com a rainha [23, A]¹/ Dona Beatriz, filha d'el rei Dom Afonso de Castela, e houve ²⁶ ²/dela a ifante Dona Branca, que foi senhora das Olgas de ⁵/Burgos, e o ifante Dom Denis e o ifante Dom Afonso e a ⁴/ifante Dona Sancha, que morreu em Sevilha e jaz em Al⁵/cobaça, e outros dous filhos, que morrêrom pequenos; e⁶/ ãu jaz em Alcobaça e outro em o moesteiro de Sam Vi⁷/cente de Fora. E este rei reinou até dezessete dias

de ⁸/Fevereiro da era de mil e trezentos e dezessete anos, e ⁹/assi reinou triinta e dous anos, e jaz em o seu moes¹⁰/teiro d'Alcobaça.

¹¹/ El-rei Dom Denis, filho do sobredito, foi casado com ¹²/a rainha Dona Isabel, filha d'el-rei Dom Pedro d'Aragom, ¹³/e houve dela a ifante Dona Costança, que foi casada com [23, B] ¹/el-rei Dom Fernando de Castela, e o ifante Dom Afonso, ²/que foi casado com a ifante Dona Beatriz, irmãa do dito ³/rei Dom Fernando de Castela. Este rei começou de rei⁴/nar na sobredita era de trezentos e dezessete anos, e ⁵/finou-se sete dias de Janeiro da era de mil e trezentos e ⁶/sesseenta e três anos; e assi reinou quareenta e seis an⁷/os. E jaz sepultado em o seu moesteiro de Sam Denis d'O⁸/divelas, daprés da cidade de Lisboa, que el fez de todo ⁹/aa sua custa. E reteve pera si e pera todos seus sobce¹⁰/ssores ²⁷/o consentimento da inliçom que fizessem das abade¹¹/ssas, quando algũa houvessem d'enleger em abadessa desse ¹²/moesteiro; e assi é conteúdo em seu testamento e or¹³/denaçom do dito moesteiro.

¹ A grafia *Regnos* (=reinos) deve ser simplesmente erudita, só para os olhos, como é o caso de tantas outras (cf. E. Williams, *From Latin to Portuguese*, § 31).

² Os dois *i* deviam pronunciar-se ainda (cf. E. W., *Ibidem*, § 99, 2 A), porque tinham sido postos em contacto por causa da fusão do *g* de *viginti* com a vogal seguinte (cf. E. W., *Ibid.*, § 73, 4).

³ Hesitámos em dar a forma actual, porquanto a ortografia antiga (*años* = annos) talvez tivesse indicado a nasalidade do *a*; *ānos* seria pois preferível, mas não pusemos esta forma, embora seja ainda hoje a pronúncia corrente da palavra, com *a* levemente nasalizado, devido à predisposição para articular a nasal seguinte. Notemos que, mais acima, o *ñ* tem o valor palatal conservado em espanhol (*señor* = *Senhor*).

⁴ O *p* do manuscrito não devia pronunciar-se (cf. a nota 1 e E. W., *Ibid.*, § 28, 2), mas a grafia com o *p* sobreviveu até 1916, ano em que a *nova ortografia* foi oficialmente adoptada.

⁵ Em duas sílabas na pronúncia medieval primitiva (cf. E. W., *From Latin*, § 33C, e D. Carolina Michaëlis, *CA*, I, pág. XXI); foi por isso que não empregámos a forma actual, *tais*, monossilábica.

⁶ V. a nota 1. A pronúncia era já a actual (reinar).

⁷ V. a nota 4.

⁸ V. a nota 5. Hoje é *tais*.

⁹ O uso do apóstrofo torna-se aqui necessário, mas não está conforme as regras vigentes.

¹⁰ Com *e* (= *i*) na ortografia em vigor.

¹¹ Os dois *e* justificam-se pela síncope do *d* intervocálico (*sede-*), e articulavam-se distintamente no português arcaico.

¹² V. a nota anterior; a consoante eliminada foi um *r* (*Bracara*).

¹³ Quanto à eliminação do *-c*, v. as notas 1 e 4.

¹⁴ V. a nota 9.

¹⁵ Com *-s* na ortografia oficial, porque se estipulou que não pode haver palavras graves acabadas em *z*, apesar da etimologia, pois nos patronímicos o sufixo é *-ez* (< *-ici*), muitas vezes analógico (cf. L. Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, página 175).

¹⁶ Na realidade filha de Amadeu III, conde de Maurienne (Mauriana ou Moriana) e de Sabóia (cf. A. Herculano, *História de Portugal*, I, 3.^a ed., p. 359); sobre a origem do erro, cf. L. Cintra, págs. CCCLXXVII-CCCLXXVIII e notas 100 e 166).

¹⁷ Com um *U* na ortografia oficial, como outros vocábulos que escrevemos assim (por exemplo, *lugar*), visto que já nos mais antigos documentos (cf. Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, §§ 124 e 126, e E. W., *From Latin*, § 43,1) é esta a pronúncia do *o* pretónico, que só se conservou, e nem sempre, quando é etimológico.

¹⁸ V. a nota 2; o étimo é *triginta*.

¹⁹ V. a nota 2; o étimo é **novaginta* (< *nonaginta* + *nove*).

²⁰ Hiato justificado pela etimologia (< *germāna*-), reduzido hoje (irmã).

²¹ Na ortografia oficial só se manteve o *h* inicial; por isso tão depressa o pomos como o tīramos.

²² V. a nota 2; o étimo é *quadraginta*.

²³ Mas *Leonor*, com *e*, na ortografia oficial.

²⁴ V. a nota 2; o étimo é *sexaginta*.

²⁵ V. a nota 2; o étimo é *octaginta*, por *octoginta*.

²⁶ V. a nota 20. Aqui acrescentou-se o *h* (*habuit*).

²⁷ V. as notas 1 e 4, quanto ao *b* de *sob*, e 16, relativamente ao *o* da mesma sílaba.

Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca